

## UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DOS CONCEITOS DE MORFOLOGIA URBANA E TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA

O artigo tem por objetivo estudar a constituição dos conceitos de morfologia urbana e tipologia arquitetônica e discutir a validade da metodologia de análise da cidade neles baseada. Tal escolha implica algumas orientações: considera a arquitetura enquanto fenômeno urbano, o que significa tratar a arquitetura não como um fato isolado, mas como parte de um sistema de relações que é a cidade.

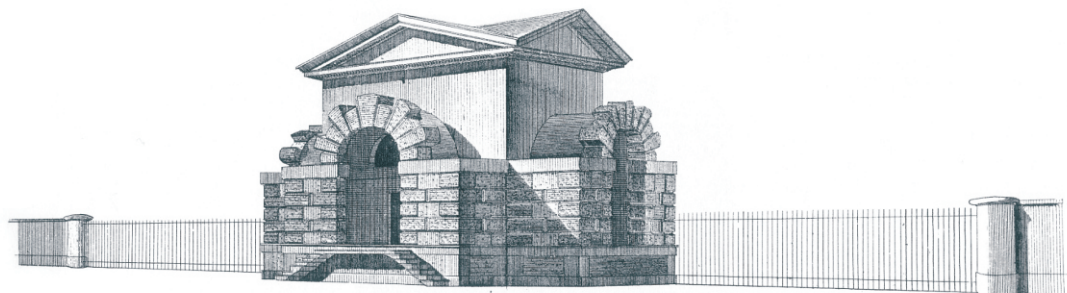
Esta forma de entender a cidade, procurando superar a divisão disciplinar entre Arquitetura e Urbanismo, adquire expressão na década de 1960, quando parte da cultura arquitetônica italiana, a chamada Tendenza, questiona os resultados da aplicação dos códigos redutivos do Movimento Moderno na cidade - empobrecimento do ambiente urbano e perda da identidade cultural – e postula uma nova metodologia<sup>1</sup>. Em oposição ao primado das abordagens sociológicas e econômicas, a Tendenza defende a insubmissão da ciência urbana, que é recuperada na medida em que a cidade é estudada a partir de seus dados formais, como uma arquitetura, uma construção ao longo do tempo, ligada à cultura da sociedade.

Os estudos de morfologia urbana rompem com os métodos do funcionalismo que reduzem o projeto e o conhecimento da cidade aos sistemas de circulação e zoneamento. Em oposição às análises quantitativas, a metodologia propõe o estudo de dados qualitativos como o parcelamento do solo e as constantes tipológicas na configuração dos tecidos urbanos. A qualidade da cidade dependeria da capacidade das novas arquiteturas em se relacionarem a fatos urbanos anteriores: a outras arquiteturas, à paisagem, ao lugar, aos e sistemas de infra-estrutura.

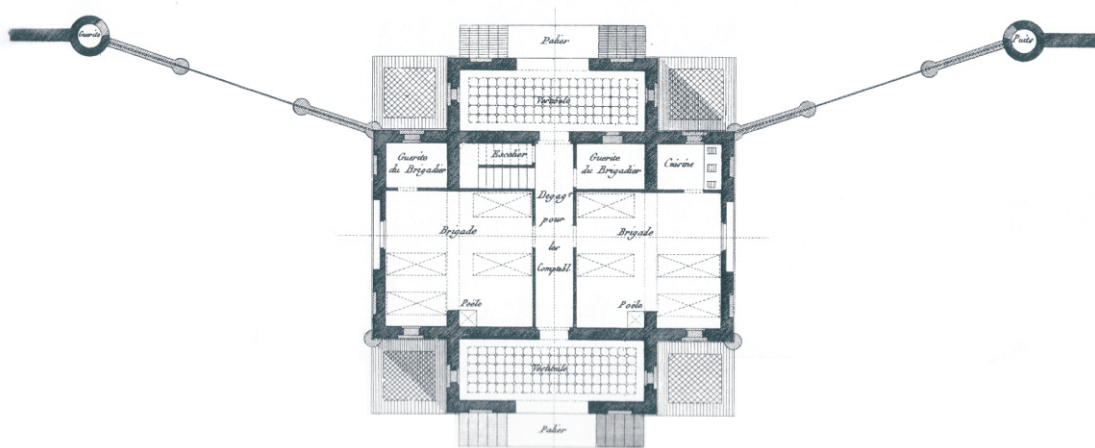
*"A morfologia urbana é o estudo das formas da cidade. A tipologia construtiva é o estudo dos tipos de construção. Ambas as disciplinas estudam duas ordens de fatos homogêneos; além disso, os tipos construtivos que se concretizam nos edifícios são o que constitui fisicamente a cidade"*<sup>2</sup>. Para Rossi o objeto de estudo da morfologia urbana privilegia a estrutura espacial, a paisagem urbana, e não se refere ao estudo dos sistemas econômico, político e social.

Fragments des Propylées  
Situés sur le chemin en face de l'Ecole Militaire

Vue Perspective



Plan de Rez-de-Chaussée



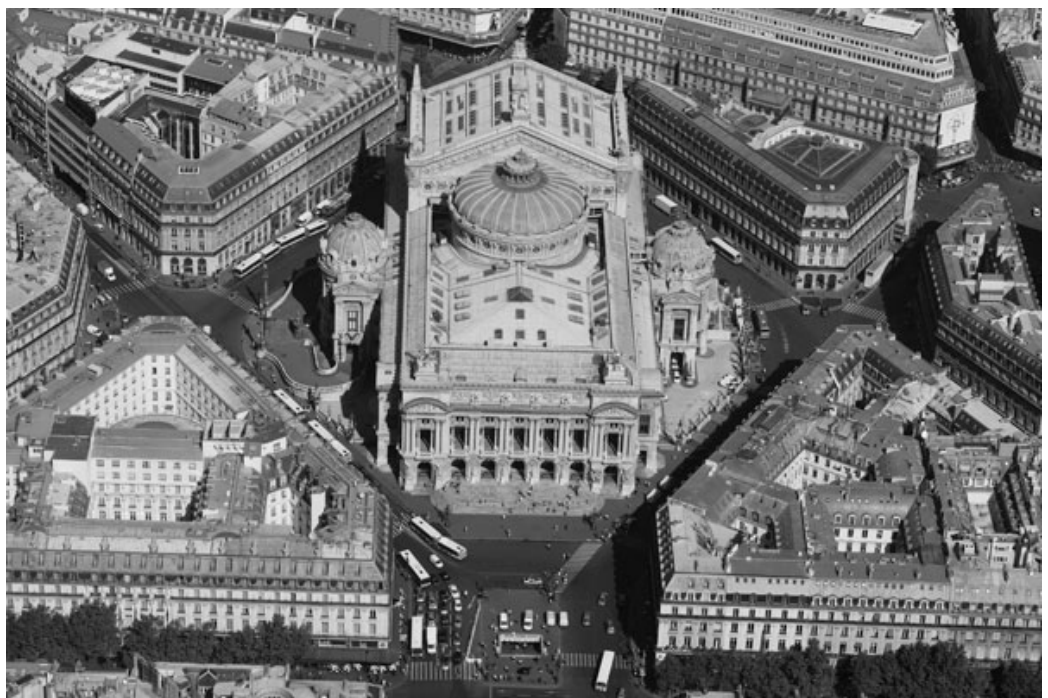
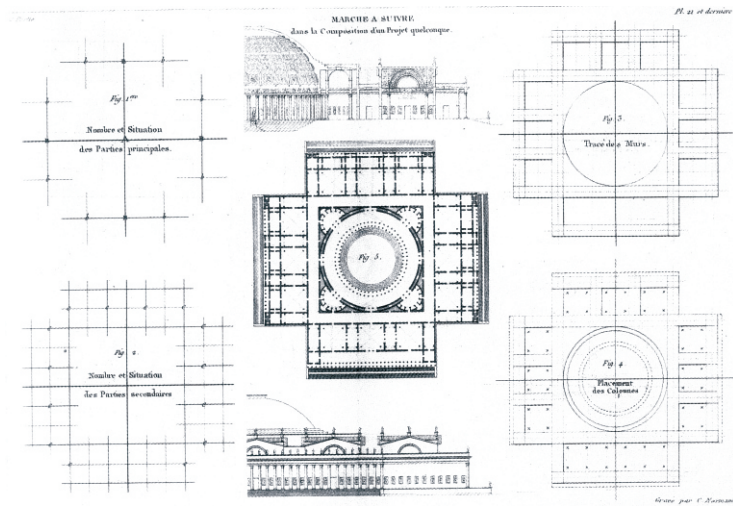
Em termos de escala, os elementos que compõe a estrutura urbana são: traçado viário, quarteirão, lote e edifício. Um estudo morfológico, além de descrever tais elementos, investiga suas relações. Outros dados considerados são: regulamentos de construção, técnicas construtivas e cultura dos profissionais. Tal análise é capaz de esclarecer a vigência de determinadas formas e o conceito de tipo adquire, então, valor instrumental, no sentido de indicar a origem dos edifícios e suas relações com os outros elementos operantes na forma urbana, assinalando assim sua armação histórica.

Azevedo indica o século XVIII como o momento em que são criados protótipos de edifícios relevantes. "(...) o tipo, constituído historicamente, é tido como um conjunto de constantes aplicáveis a composições diversas. É sempre a obra particular que está em causa para o juízo atento, mas assim como ao indivíduo só cabe existir como espécime, a obra singular é enquadrada nos marcos de um tipo: basílica, igreja de planta central, hôtél, palais, etc.. (...) Para a particularização de cada obra, consoante ao tipo que pertence, concorre o decoro, pelo qual a edificação é dotada da dimensão, da magnificência e do ornamento convenientes aos fins que representa. As barrières – portas da alfândega da cidade – constituem um tipo ainda não consolidado quando C-N Ledoux, no ocaso do Ancien Régime, o elabora com os 47 projetos para Paris: reminiscendo o esquema do Arco do Triunfo e os portais amuralhados, a ênfase no vão central, a simetria axial das alas e a severidade maciça da composição, indicam a passagem, dignificam a autoridade cidadina e, destacando o ingresso na urbe, assinalam o domínio da urbanidade"<sup>3</sup>. O conceito de tipo no século XVIII não está ligado à resolução funcional de um edifício, mas à dotação de "caráter" à obra de arquitetura .

Figura 1 - Exemplo de uma das 47 portas alfandegárias de Paris projetadas por Ledoux nos estereos do Ancien Regime, 1784. O conjunto de tipos formado pelas barrières de Paris tem para Ledoux um valor didático. O arquiteto real compõe variações sobre temas: o templo grego, os portais amuralhados, o esquema palladiano da rotunda. Assim como outros projetos ideais publicados em L'Architecture, as barrières representam lições tanto para arquitetos – na medida em que se apresentam como paradigmas de composição e caracterização – como para o cidadão de Paris, que nelas reconhece os emblemas da virtude pública.

Figura 2 – “Passos a seguir em qualquer projeto”. DURAND, Compêndio de lições de arquitetura dadas na Escola Politécnica. Durand nunca utiliza o termo tipo, prefere gênero ou espécie. O recurso ao tipo, como indicação projetual é substituído por um sistema de caráter operativo. O tipo já não se relaciona mais com os conteúdos a representar; passa meramente a compor um catálogo de protótipos que já definiram e resolveram usos e ofícios semelhantes. A expressão do edifício é dada pela conveniência e disposição das partes.

Figura 3 – Vista aérea do quarteirão da Ópera Garnier em Paris. Nos terrenos e quarteirões rasgados pelas aberturas realizadas por Haussmann prevalece a unidade tipológica com destaque para edifícios monumentais e equipamentos públicos. O tipo denominado hoje de imóvel “haussmanniano” é flexível, adaptável às irregularidades dos lotes e é tratado como parte de um conjunto. Em todos os imóveis do quarteirão é mantida a regularidade das fachadas e o alinhamento da rua. O uso do mesmo gabarito gerou uma ampla unidade urbana. A passagem da escala do lote para a escala do quarteirão nas reformas de Haussmann deve ser entendida dentro do plano geral de dar à capital francesa uma escala monumental. Os bulevares, que rasgavam o tecido antigo de Paris, tornar-se-iam o modelo de espaço urbano central.

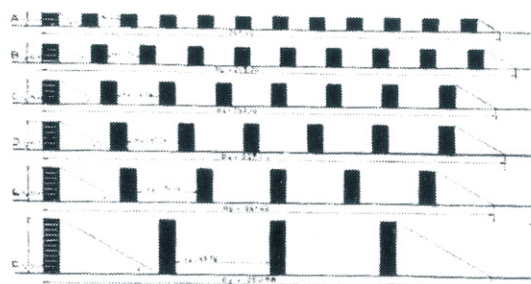


<sup>1</sup> Esta abordagem inicia-se na Escola de Arquitetura de Veneza na década de 1960 com S. Muratori e M. Tafuri. Outros expoentes italianos são: A. Rossi, C. Aymonino e L. Quaroni. Outras escolas aplicaram metodologias semelhantes: Laboratório de Urbanismo de Barcelona (Solà-Morales), França (Panerai; Castex; Depaule), e na Argentina, F. E. Diez.  
<sup>2</sup> ROSSI, Aldo. Para una arquitectura de tendencia. Escritos: 1956-1972. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1977.  
<sup>3</sup> AZEVEDO, Ricardo Marques de. Fontes iluminadas. Campinas: FAU-PUCCAMP, 1997, p. 42-3.  
 “Dirijamos nuestras miradas sobre un objeto. El primer sentimiento que experimentamos se deduce, evidentemente, de la manera en que el objeto nos afecta. Llamo carácter al efecto que resulta de este objeto y que causa en nosotros una determinada impresión. Introducir carácter en una obra es emplear con equidad todos los medios propios, de manera que nos hagan experimentar otras sensaciones más que aquellas que deben resultar del tema.”  
 BOULLÉE, Étienne-Louis. Arquitectura. Ensayo sobre el arte. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1982, (Colección Punto y Línea), p.67.

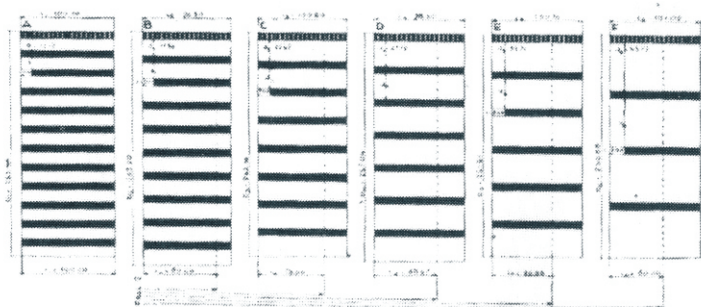
Na passagem do século XVIII para o século XIX, o conceito de tipo é sistematizado e introduzido na área disciplinar da arquitetura por Quatremère de Quincy, que estabelece de maneira pertinente a diferença entre tipo e modelo: *“A palavra tipo apresenta menos a imagem de uma coisa a copiar ou imitar por completo que a idéia de um elemento que deva ele mesmo servir de regra ao modelo. (...) O modelo, considerado na execução prática da arte, é um objeto que deve se repetir tal qual é, o tipo, ao contrário, é um objeto a partir do qual cada um pode conceber obras que não se assemelham entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo. Por isso também vemos que a imitação dos tipos não tem nada que o sentimento e o espírito não possam reconhecer”*<sup>5</sup>.

Os tipos imaginados pelos arquitetos da Ilustração (bibliotecas, oficinas, edifícios para a educação e o prazer) permanecem como experiências projetuais durante o século XVIII, mas tornam-se parâmetros importantes para as transformações das grandes cidades no século XIX. Nas reformas urbanas, novos edifícios de caráter institucional são tratados como monumentos, utilizados como pontos de referência dentro de um sistema que relaciona traçados, edifícios e infra-estruturas.

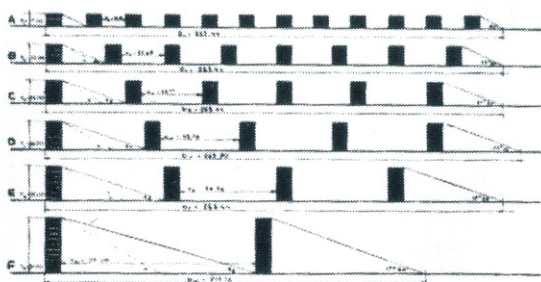
Durante o século XIX, verifica-se a presença simultânea de tipos e modelos. A idéia de tipo aplica-se aos monumentos de caráter e localização singular, que constituem pontos de referência na cidade (parlamento, teatro, palácio da justiça). Nestes edifícios, a forma não é condicionada ao perímetro do lote e ao rendimento fundiário. Já os modelos eram aplicados para solução de edifícios com valor funcional e passíveis de repetição (quartéis, escolas, matadouros, habitações).



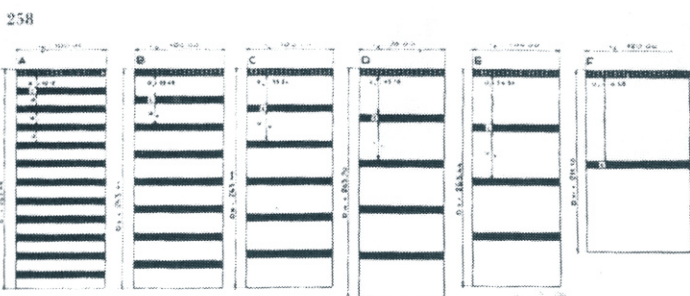
255



256



257



258

Com Durand, o tipo assume um caráter operativo. A tipologia não mais se relaciona com os conteúdos a representar, mas passa a ser a catalogação de protótipos que já definiram e resolveram usos e ofícios semelhantes. Os tratados de arquitetura tendem à forma dos manuais. O método de composição arquitetônica de Durand<sup>6</sup> compreende a descrição dos elementos da arquitetura, as formas gerais de associação destes elementos - primeiro em abstrato, depois segundo as exigências distributivas dos vários temas - e, finalmente, estudos dos tipos de construção como projetos exemplares. "A geometria concreta e elementar dos projetos dos arquitetos ilustrados se dissolve numa abstrata retícula cartesiana, que permite, em função da economia de meios, a regularidade e a medida em seu mais amplo sentido."<sup>7</sup> Tal método objetiva transmitir aos alunos na *École Polytechnique* um mecanismo compositivo simplificado e operacional para enfrentar o rápido crescimento das cidades, sobretudo nas colônias onde se julgava que a arquitetura era pouco cultivada.

Nas intervenções de Haussmann, em Paris, e de Cerda, em Barcelona, na segunda metade do século XIX, os tipos residenciais são resultado da implantação urbana, baseada nos traçados viários e nos regulamentos que definem o gabarito dos edifícios a partir da largura das vias. Verifica-se a inversão do conceito de tipologia em relação àquele do século XVIII: o tipo é condicionado aos novos parcelamentos para só depois

Figura 4 - Walter Gropius – diagrama da evolução de um terreno retangular com filas paralelas de blocos de apartamentos de diferentes alturas, 1929. As metodologias projetuais das vanguardas modernas desconsideram qualquer relação com os tipos históricos. Os projetos de habitação resultam dos estudos de densidade, ventilação e insolação.

passar por estudos distributivos e compositivos.<sup>8</sup>

No século XX, a noção de tipo como ponto de partida para o projeto arquitetônico é rechaçada pelos dos arquitetos ditos funcionalistas. Tal crítica tem por base a defesa da individualidade do objeto arquitetônico, a rejeição das ordens clássicas e a importância conferida ao programa na metodologia projetiva. *"O recurso à tipologia somente era aceito se não fosse possível elaborar um programa arquitetônico que descrevesse toda a seqüência operacional de atividades. Admitia-se assim que à medida que o estudo sistemático das relações entre atividades e espaços avançava, seria possível eliminar totalmente o recurso à tipologia, como instrumento para projeto".* O Movimento Moderno nega a tipologia enquanto instrumento legitimado pela história e premissa para o projeto.

A habitação padronizada, passível de repetição em vários contextos e capaz de abrigar as pretensas necessidades fundamentais, seria a resposta programática às transformações pelas quais a sociedade urbana e industrial passava. Os arquitetos funcionalistas promovem intervenções em parcelas periféricas da cidade que não se relacionam com estruturas urbanas anteriores. Os tipos habitacionais resultam da combinação de células-base, o alojamento funcional, e a forma arquitetônica resulta da organização interna. Arranjos condicionados a parâmetros quantitativos, como insolação e ventilação, substituem a relação dos edifícios com os elementos urbanos tradicionais (ruas, praças e quarteirões) e a relação entre tipologia habitacional e morfologia urbana passa a ser unilateral: a tipologia determina a morfologia.<sup>10</sup>

A compreensão histórica demonstra que não existe uma única definição de tipologia arquitetônica. Ao contrário, ela é redefinida em função das investigações que se pretende realizar: a tipologia é um instrumento e não uma categoria.<sup>11</sup> Ao estudar Buenos Aires, Diez ajusta este instrumento para a realidade de uma cidade latino-americana. Neste caso, uma classificação tipológica sincrônica, que considere apenas as semelhanças entre os edifícios, tem como resultado um grande conjunto de pequenos grupos e um grande número de edifícios é excluído. A alternativa é a aplicação do conceito de referente tipológico, que implica em uma visão diacrônica em que grupos distintos de edifícios começam a se relacionar ao longo do tempo.<sup>12</sup> A tipologia construtiva da cidade é interpretada como resultado de um processo urbano em que os tipos, dominantes durante um período, perdem sua vigência à medida em que novos usos, legislações, técnicas construtivas, costumes e significados vão assumindo novas formas.

A validade de um estudo tipológico, que relaciona arquitetura e forma urbana, está em seguir no espaço construído de hoje as pistas de sua própria constituição, de seu caráter. Além dos estudos históricos, tal metodologia possibilita reaproximar a prática arquitetônica contemporânea da cidade e devolver a esta o estatuto de objeto de inspiração para os processos projetivos, reconstituindo a continuidade cultural entre passado e presente e restabelecendo o diálogo do patrimônio construído com o projeto.

5QUATREMÈRE DE QUINCY, A.-C. Dictionnaire historique d'architecture. Paris: Librairie d'Adrien Le Clère et C. ie, 1832, (tome II). Tradução completa do verbete tipo em PEREIRA, Renata B. Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, abril de 2008.  
6DURAND, Jean-Nicholas-Louis. Précis des leçons d'architecture données à l'École Royale Polytechnique. Paris, 1819. (Edição fac-símile: Nördlingen: Verlag Dr. Alfons Uhl, 1985).  
7MONEO, Rafael. Prólogo a la edición española. In: KAUFMANN, Emil. La arquitectura de la ilustración. Barcelona: Gustavo Gilli, 1974, p. XXV.  
8AYMONINO, Carlo. O significado das cidades. Lisboa: Editorial Presença, 1984, p72-6.  
CERDÁ ciudad y territorio: una visión de futuro. Catálogo de la Exposition. Barcelona: Electa, 1994.  
PINON, P.; CARIS, J. Paris – Haussmann. Paris: Pavillon de L'Arsenal, Picard Éditeur, 1991.  
9 KRÜGER, Mário Júlio T. A arquitetura das tipologias. Revista Projeto, São Paulo, n.82, p.104, dez. 1985.  
10 ROWE, C.; KOETTER, F. Ciudad Collage. 2. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1998, p.58.  
11 AYMÓNINO, Carlo, op. cit., p.126.  
12 DIEZ, F. E. Buenos Aires y algunas constantes en las transformaciones urbanas. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1996.